

Finalmente, refiram-se ainda dois artigos de carácter distinto que manifestam idêntico desejo de comprometer a História da Arte, em que trabalhamos, com outras áreas afins ou confluentes. O de Nuno Teotónio Pereira é a reflexão de um dos mais importantes arquitectos portugueses activos, que alargámos numa pequena entrevista dirigida tanto ao profissional como ao lisboeta. O de Carlos Fontes é a notícia sucinta sobre o importantíssimo universo de discussão urbana que hoje a *internet* possibilita, realizada pelo autor de um primeiros *sites* sobre Lisboa e empenhado patrimonialista.

Mantivemos as rubricas de acompanhamento, constituídas pela *Varia* e pelas recensões críticas. Aqui os interessados encontrarão contributos diversos, maioritariamente de alunos ou mestres formados na nossa faculdade, mas também (o que saudamos) de outros colegas que nos procuraram, confirmando o dinamismo da História da Arte na cultura portuguesa, facto manifesto na qualidade das revistas universitárias do sector que, brevemente, referenciamos também. Mas o artigo que mais importa relevar é o de José-Augusto França, dedicado à demolição da Casa onde, em Lisboa, morreu Almeida Garrett. Apesar do seu valor memorial e da qualidade urbana da sua traça romântica, não fomos capazes de a salvar, vencidos por interesses estreitos mas poderosos.

Renovamos os agradecimentos aos nossos amigos das Edições Colibri (ao Fernando Mão de Ferro, à Inês Mateus e à Rita Medeiros), ao dedicadíssimo secretariado de Ana Paula Louro, à contribuição sempre qualificada da Cristina Cruz e ao Henrique Dinis da Gama que, generosamente, nos cedeu uma das suas belíssimas fotografias de Lisboa para a capa da *Revista* dedicada à História da cidade. A nossa convicção, partilhada por muitos, é que o conhecimento e a valorização dessa História são condição da qualidade do seu desejável futuro.

**A Direcção do Instituto de História da Arte**

## ENTREVISTA

**com o Arquitecto Nuno Teotónio Pereira**

**conduzida por Raquel Henriques da Silva\***

Em 2004, no VIII Curso Livre dedicado à História de Lisboa, com o título *Lisboa: Espaço e Memória*, organizámos uma mesa redonda para a qual convidámos Nuno Teotónio Pereira e Manuel Graça Dias.

O debate foi vivo e interessante, abordando questões essenciais sobre os modos de modernizar e salvar Lisboa. Nos ensaios agora publicados, o belo texto de Teotónio Pereira dá conta de como estes temas foram constituindo domínio essencial da sua própria atitude cultural em relação ao desempenho da arquitectura.

Tendo entretanto sido realizada, no CCB, também em 2004, a exposição *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*, comissariada por Ana Tostões, está agora disponível, no respectivo catálogo, a sua biografia pessoal e profissional que, em diversos momentos, se cruzou, em termos determinantes, com a história da arquitectura portuguesa contemporânea.

Mesmo assim, gostaria de recordar que foi por sua iniciativa, juntamente com Costa Martins, que a *Carta de Atenas* (manifesto referencial da arquitectura moderna, publicada em 1943) foi traduzida em português, logo em 1944, e publicada na revista *Técnica* da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico. Dentro dos princípios estéticos e éticos oriundos dos CIAM (Congresso Internacional de Arquitectura Moderna), participou na construção do Bairro de Alvalade (com Miguel Jacobetty, 1947-48), ao mesmo tempo que intervém no célebre I Congresso Nacional de Arquitectura, com a comunicação “Habitação Económica e Reajustamento Social”, de novo com a colaboração de Costa Martins.

As suas profundas preocupações sociais e a convicção de que a arquitectura poderia mudar a vida são o lastro para obras de grande empenho para Caixas de Previdência e Cooperativas de Construção, ao mesmo tempo

\* Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

que outras encomendas lhe permitiam uma qualificada e original afirmação autoral, como a Igreja Paroquial de Águas (1949) ou o Bloco das Águas Livres, às Amoreiras, em Lisboa, neste caso em colaboração com Bartolomeu da Costa Cabral.

Desde 1957, os seus ateliers da Rua da Alegria tornaram-se uma das mais eficazes escolas de formação e treino de gerações de arquitectos, em que uma das primeiras personalidades a afirmar-se foi Nuno Portas. Com ele e António Pinto de Freitas, delineia a urbanização do Bairro dos Olivais Norte I, Prémio Valmor 1968, e situação proclamatória do urbanismo moderno de estética internacionalista em Portugal.

Em parceria com Nuno Portas e Bartolomeu da Costa Cabral (mais tarde com Pedro Botelho), Nuno Teotónio Pereira foi autor de obras fundamentais e de uma vivência generosa de atelier. Entre elas, com outras parcerias diversas, devo destacar ainda a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, 1962-75, Olivais Sul, e o Edifício Comercial “Franjinhãs” da Rua Castilho, 1965-1971.

Para além da obra de arquitecto que se prolonga até à actualidade, Nuno Teotónio Pereira foi e é um lutador pela justiça, a democracia e a qualidade de vida para todos. Preso pela PIDE em 1973 (liberto pela Revolução do 25 de Abril), ele é um artista militante que, justamente, nos habituámos a admirar e amar. Discreto e humilde, fraterno como poucos, Nuno gosta de reconhecer que a sua crença juvenil numa arquitectura salvadora era uma utopia que foi necessário readaptar à crítica e revisão do modernismo e às profundas transformações das cidades e do território.

Homem de partilha e do fazer conjunto, acedeu com alegria a responder às perguntas que lhe formulei por escrito. Foi breve e o directo, como sempre gosta de ser.

**Quando se fala em Lisboa, que imagem mais imediata lhe vem ao espírito? Poder-se-á falar de “uma alma de Lisboa”? Ou, usando a reflexão de Bruno Zevi, se se diz que Florença é medievalizante, Roma barroca e Paris neo-clássica, poder-se-á aplicar “qualitativo” idêntico a Lisboa?**

A ideia que imediatamente me ocorre sobre Lisboa é um paradoxo: uma cidade mediterrânica aberta ao Atlântico. É isso que faz a sua singularidade: as colinas debruçadas sobre o Tejo, viradas ao sul, e o vento noroeste, com cheiro a mar.

**De que modo a cidade histórica pode ser viva?**

A cidade histórica, que para mim é a Lisboa que conheci na juventude, perdeu vida sobretudo porque perdeu habitantes. A sangria dura há décadas, mas só agora é que se deu por isso. Penso que políticas públicas, recentemente iniciadas, podem, a prazo, fazer inverter a situação. Por exemplo, a reforma do arrendamento, a concentração de benefícios fiscais e financeiros na reabilitação, a penalização dos fogos devolutos, o favorecimento do estacionamento automóvel para os residentes, etc. Mas será preciso ir mais longe, impedindo, por exemplo, a construção de condomínios fechados, que estão a proliferar no mercado imobiliário, e limitando a abertura de centros comerciais na periferia.

**Ao longo da sua carreira, trabalhou com historiadores da arte? Considera o seu contributo importante? Quer concretizar alguma situação dessa colaboração (boa ou má), nacional ou internacional?**

Não me lembro de ter trabalhado directamente com historiadores da arte, a não ser com Fernando António Baptista Pereira no projecto de revitalização do Palácio Nacional de Mafra, que fiz com Nuno Portas e Pedro Botelho, e que foi da maior importância. Mas fui sendo muito influenciado por outros, através de leituras e da participação em colóquios e seminários. Aí, gostava de referir, por exemplo, Tavares Chicó, Pais da Silva, Horta Correia, Rafael Moreira e a minha cara entrevistadora, Raquel Henriques da Silva. E também José-Augusto França e Vítor Serrão. E ainda Robert Smith. Mas devo dizer, no que se refere a Lisboa, que bebi sofregamente muita informação quando jovem da parte dos chamados olissipógrafos. Entre outros, Gustavo de Matos Sequeira e Norberto de Araújo, este com as suas *Peregrinações em Lisboa*, de que comprei por assinatura a 1ª edição em fascículos e que consulto ainda com frequência.

**Encara, hoje, as cidades e os seus territórios, nomeadamente nas cidades históricas, de modo diferente do que nos anos de 1950, quando começou a trabalhar?**

Sim, de maneira muito diferente. Naquela época, o que se impunha era a requalificação dos centros históricos, habitados por populações pobres e ameaçados de descaracterização ou mesmo de demolição por intervenções ignorantes. Veja-se o que aconteceu à Mouraria. Mas veio o CRUAR, no Porto;

a seguir, acções pioneiras na Guarda, Miranda do Douro e Beja e, depois, Guimarães, levada à excelência, e os chamados bairros históricos de Lisboa.

Hoje, a escala de intervenção tem que ser mais ampla, abrangendo todo o casco urbano, com vista à sua revitalização. E aí, para começar, estão as SRU, que já deviam ter aparecido mais cedo. E neste aumento de escala não se pode deixar de fora a cidade dispersa, suburbana e peri-urbana. Enfim, um trabalho para várias gerações...

**Quem tem mais competência para estudar cidades? Os arquitectos? Os urbanistas? Os sociólogos? Os historiadores? Os geógrafos?**

Todos juntos, em equipas multi-disciplinares, incluindo paisagistas e engenheiros de tráfego. E articulando o seu trabalho com os poderes autárquicos e com os “conselhos de cidade”, no quadro duma democracia que deve ser mais participativa.

**Prefere Brasília ou Nova Iorque?**

Só conheço essas cidades de visitas apressadas. Com essa limitação, acho mais fascinante Nova-Iorque, que é o resultado do encontro de muitas culturas ao longo de uma sedimentação secular. Brasília, com as imensas favelas e dormitórios que a rodeiam, parece-me uma cidade falhada, produto dum voluntarismo generoso mas utópico, que não teve em conta as realidades sócio-económicas do país. O contraste entre o chamado Plano-piloto de Lúcio Costa e a envolvente é chocante.

**Que sítio gosta mais em Lisboa? Explique-nos porquê. Mas se Lisboa não for a cidade portuguesa que prefere, poderevelar-nos outro sítio noutra cidade...**

O sítio de que gosto mais em Lisboa é São Pedro de Alcântara, debruçado sobre o vale da Avenida, aonde levo sempre os amigos estrangeiros que nos visitam. Especialmente ao fim da tarde, com o poente a iluminar as encostas da Graça e do Castelo e a vista a espreitar o Tejo. A cidade das colinas em todo o seu esplendor!



O Arquitecto Nuno Teotónio Pereira